

Apresentação

Alheias e nossas
as palavras voam.
Bando de borboletas multicores,
as palavras voam
Bando azul de andorinhas,
bando de gaivotas brancas,
as palavras voam.
Voam as palavras
como águias imensas.
Como escuros morcegos,
como negros abutres,
as palavras voam.
Oh! alto e baixo
em círculos e retas
acima de nós, em redor de nós
as palavras voam.

E às vezes pousam.

Cecília Meireles,
Voo, In: *Melhores Poemas*

PRESENTATION¹

Random and ours
the words take flight.
Multicolor flock of butterflies,
the words take flight.
Blue flock of swallows,
white flock of seagulls,
the words take flight.
The flying words
as colossal eagles.
Bats dark as night,
vultures so black,
the words take flight.
Ah! high and low
going around and straight ahead
above us, surrounding us
the words take flight.

And sometimes they land.

Cecília Meireles,
Voo, In: *Melhores Poemas*

Em dois momentos do ano de 2019, duas mulheres professoras de duas cidades distintas (Rio de Janeiro e Campinas), estudaram, sem combinarem, o mesmo texto com suas alunas e alunos da disciplina de pós-graduação que lecionaram naquele semestre. Intitulado “Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduições recentes à tradução ‘Queerizante’ e outros novos desenvolvimentos significativos”, o texto da pesquisadora canadense Luise von Flotow fala das dezenas de traduções de um livro "alternativo" sobre saúde e sexualidade da mulher bem como dos "aspectos performativos" que a tradução e a adaptação do texto "subversivo" coloca em evidência. Fascinados pela natureza da obra e pelos projetos internacionais de sua tradução, primeiro um grupo e depois o outro, sem que ambos se conhecessem, buscaram descobrir se existia uma tradução em língua portuguesa dessa obra chamada *Our Bodies, Ourselves* e, ao verificarem que não existia, tiveram a mesma reação: era necessário trazer esse livro para o Brasil.

Foi, então, que um dos grupos fez contato com a coletivo feminista responsável pela produção do livro nos Estados Unidos, que explicou que, para que fosse autorizada a tradução em língua portuguesa, seria necessária a colaboração com uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, que tivesse como objetivo o apoio e

At two points in time in 2019, two female professors from two different Brazilian cities (Rio de Janeiro and Campinas) studied, unbeknownst to each other, the same text with the students of post-graduate courses they were teaching that semester.

Named "Translating Women: From Recent Histories and Re-translations to 'Queering' Translation, and Metramorphosis", the article penned by Canadian researcher Luise von Flotow discusses dozens of translations from an "alternative" book on female health and sexuality as well as the “performative aspects” highlighted by the translation and adaptation of such a "subversive" text. Fascinated by the nature of the work and its international translation projects, first one group and then the other one, without having ever met, sought to discover if there was a Portuguese translation of that book – "Our Bodies, Ourselves".

When they realized there was no available translation in Portuguese, they had the exact same reaction: the book needed to be made available for Brazilian readers. At that point, one group contacted the feminist collective group responsible for creating the book in the United States and learned that the authorization for the translation into Portuguese required a partnership with a non-profit and non-governmental organization (NGO) devoted to helping women. Few months later, the other group made the same enquiries and received the same

auxílio a mulheres. Alguns meses mais tarde, foi a vez do outro grupo tomar a mesma iniciativa e receber a mesma resposta da ONG *Our Bodies Ourselves* (OBOS). Como no poema de Cecília Meireles, alheias e nossas as palavras voaram e, após círculos e retas, o coletivo norte-americano, representado por Judy Norsigian e Norma Swenson, colocou as duas equipes em contato. Pouco tempo depois, a ONG Coletivo Feminista Saúde e Sexualidade de São Paulo (CFSS) também manifestou interesse pela publicação do livro em português e as interações passaram a ser feitas entre a OBOS, as duas docentes e Raquel, consultora administrativa e financeira do CFSS. Uma vez que já tínhamos a participação de uma organização voltada para mulheres, passamos a negociar o segundo ponto: conseguir a autorização para a tradução do livro todo – não de 20 páginas, como propunha a OBOS – já com o intuito de fazer a publicação em três volumes.

Depois de muitas idas e vindas de burocracias entre as universidades – que fecharam um convênio de extensão para formalizar o projeto – e as ONGs, foi firmado o contrato denominado *Permission to Translate and Culturally Adapt 315 Pages from Our Bodies, Ourselves* entre a OBOS e o CFSS. Desde o início, ficou claro que caberia a nós modificar o que considerássemos necessário para dar às leitoras brasileiras informações confiáveis sobre sexualidade, direitos reprodutivos, contracepção, menopausa, entre outros temas relevantes para nossa realidade, como aborto, cesarianas e sistema de saúde. Os primeiros passos foram dividir as equipes e os capítulos, definir o software a ser usado, os critérios terminológicos, a dinâmica de encontros e discussões. Assim, de um lado, houve a cooperação e voluntariado de mais de 30 pessoas envolvidas com tradução e revisão, e, de outro, dezenas de pessoas envolvidas com a adaptação e, ao CFSS, uniram-se equipes da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Entretanto, com a liberdade de voar também vieram os momentos escuros e as dificuldades. Como poderíamos organizar nossos voos para que o pouso fosse o que todas as equipes desejavam, ou seja, fazer jus ao legado da OBOS? Como evitar cair nas armadilhas que vimos aparecer durante todo o processo, entre elas a preocupação de que as informações não estivessem suficientemente atualizadas ou estivessem muito enviesadas, muito brancas, médicas, acadêmicas, com um olhar de pessoas privilegiadas? Como lidar com as indecisões

answer from the organization responsible for *Our Bodies Ourselves* (OBOS).

As in the poem by Brazilian writer Cecília Meireles, “random and ours the words took flight”, and, after going around and straight ahead, the US collective group, represented by Judy Norsigian and Norma Swenson, introduced both teams to each other. Shortly after that, the NGO Feminist Collective Health and Sexuality (CFSS, for its Portuguese acronym) in São Paulo also expressed interest in publishing the book in Portuguese, which initiated the interactions between OBOS, both professors and Raquel, CFSS administrative and financial advisor. Once we became partners with an organization aiming to help women, we could start negotiating the second issue: securing authorization to translate the whole book – not only the 20 pages proposed by OBOS – with the intention of publishing the entire book in three volumes.

After a lot of bureaucratic back and forth between the universities – that signed an agreement to establish an outreach project – and the NGOs, a contract of “Permission to Translate and Culturally Adapt 315 Pages from *Our Bodies, Ourselves*” was signed between OBOS and CFSS. From the beginning, it was clear that it would be up to us to change what we considered necessary to give Brazilian readers reliable information about sexuality, reproductive rights, contraception, menopause, among other topics relevant to our reality, such as abortion, cesarean sections and health care system. The first steps included dividing the teams and the chapters available, choosing the translation software we were going to use, terminology management criteria, the dynamics for the monthly meetings and the discussions.

Eventually, over 30 people cooperated and volunteered to translate and review and dozens of people volunteered to work on the adaptation aspects of the project. Two teams from the School of Public Health at University of São Paulo (USP) and the School of Medical Sciences at Unicamp joined forces with CFSS.

However, the freedom to fly also brought dark moments and challenges. How could we organize our flying journey in a way that the landing spot was where all the teams wished to converge, i.e. to uphold OBOS legacy? How could we avoid the traps popping up in our path throughout the process, including the concern that the information provided was not sufficiently updated? Or was it too biased, too white, medical, academic, or showed only a perspective of entitlement and privilege? How could

¹ Translated by Samira Spolidorio and Carlos César da Silva.

de um momento político que considera informação e empoderamento uma apologia ao crime, em um momento em que as críticas são muito mais presentes do que o desejo de ajudar ou de propor soluções? As dificuldades também surgiram no cumprimento dos prazos, uma vez que as equipes trabalharam voluntariamente na tradução, adaptação e revisão e, ao mesmo tempo, todas as pessoas envolvidas precisavam dar conta dos próprios trabalhos para honrar os compromissos financeiros que continuaram, apesar (e por causa) da Covid-19.

No final desta primeira etapa, podemos contar que, durante toda a execução do projeto, aprendemos que um trabalho feito é melhor do que um trabalho perfeito. Toda vez que relemos um trecho, queremos refazê-lo ou pensamos em acrescentar mais informações, novos depoimentos, imagens, palavras... A certa altura, tivemos que aceitar que fizemos o melhor nas condições não ideais em que nos encontramos – em plena pandemia, com médicas precisando fazer jus à profissão, docentes aprendendo a lidar com a interação on-line, universidades fechadas e toda programação cancelada – inclusive a vinda de Judy e Norma ao Brasil, que teria ocorrido em maio de 2020. Precisamos aprender a nos conformar com o que era possível e deixar de lado o que seria o ideal. Isso incluiu revermos as equipes, diminuirmos a quantidade de tradutoras e tradutores, adicionar pessoas de outras áreas na adaptação (não só médicas), a fim de contemplar os próprios temas trazidos pelos capítulos aqui publicados.

Antes de concluir, cabem algumas palavras de esclarecimento: além desta apresentação, temos três prefácios a este volume: o primeiro feito pela equipe da tradução, o segundo e o terceiro pelas equipes de adaptação do CFSS e da USP. A decisão de cada grupo fazer seu prefácio é, antes de tudo, política, pois permite que tenhamos voz e possamos dar, a nosso público leitor, informações que consideramos relevantes para a compreensão de escolhas que aparecem desde a tradução do título: *Nossos corpos por nós mesmas*, com a preposição que visa deixar marcada a nossa agentividade.

Entre as medidas de tradução e adaptação adotadas estão: retirada de conteúdo considerado não relevante para o nosso contexto (por exemplo referências a leis, sites e marcas de produtos norte-americanos), atualização de informações e acréscimos de conteúdo e depoimentos de pessoas brasileiras que complementam a informação médica e técnica, dando um tom mais pessoal ao livro. Cabe ainda destacar que cada capítulo é de responsabilidade de um grupo específico, o que foi marcado em notas de rodapé, também usadas para

we handle the uncertainties of a critical political moment that considered information and empowerment an apology to crime, at a time when there was an abundance of criticism and a lack of desire to help or find solutions?

We also faced challenges trying to meet the deadlines, because the teams working in the translation, adaptation and reviewing processes were volunteers and needed time to do their own work in order to honor their financial commitments that continued despite (and because of) COVID-19 pandemic.

By the end of this first stage, we can attest that, during the whole project execution, we have learned the value of concrete work done versus the abstract idea of a perfect work.

Every time we read parts of the text again, we wanted to rewrite it, or thought of adding more information, new testimonials, pictures, words... At a certain point, we had to accept that we had done our best in the not-ideal circumstances we were in, in the midst of a pandemic, with doctors in need of being in action, professors learning how to deal with on-line interaction, university campi being closed and having their activities cancelled – including Judy and Norma's coming to Brazil, which would have taken place in May 2020. We had to learn to settle for what was possible and leave our perfect scenarios aside. That included narrowing down our team of translators and adding people from different areas of expertise (not only medical) for the adaptation process, in order to cover the subjects brought up by the chapters included here.

Before ending this section, a few words are necessary. In addition to this presentation, we have three forewords in this volume: the first one was written by the translation team, and the second and the third ones by the adaptation teams from CFSS and from USP. The decision of each group having their own preface is, above anything else, political, because it allowed us to speak about the project and give our readers relevant information about our choices. One of them was the choice of the preposition "por" (for/by) in our title *Nossos Corpos por Nós Mesmas* (Our bodies *for/by* ourselves, in Portuguese) – which we believe highlights our activism.

Certain decisions we made in the translation and adaptation include: removing content we did not consider relevant for our context (for instance, references to legal frameworks, websites, and North American brands' products), updating information, adding content and testimonials from Brazilian people that complemented the medical and technical information, in order to give the book a more

indicar referências complementares. Apesar das diferenças entre os grupos - que podem aparecer no tom dos capítulos, refletindo a característica de escrita coletiva, também presente no original - o trabalho sempre foi cooperativo e tivemos um objetivo muito claro: proporcionar conhecimento em defesa das mulheres em geral, de forma consistente, ética e confiável.

A publicação deste volume confirma, mais uma vez, que a história é escrita por aquelas que mostram coragem, que fazem acontecer, que ousam contrariar o senso comum e propõem novos caminhos – ou, no nosso caso, uma nova tradução, com uma linguagem acessível, mais inclusiva, deixando claro que o masculino não é o padrão nem é neutro, e que o sexismo deve ser combatido em todas as esferas, inclusive linguística. Como muitas outras mulheres dos muitos países para os quais o livro foi traduzido, nós também estamos tentando mudar o *status quo*, o que é árduo, não só por toda logística – muitas pessoas envolvidas, falta de tempo e de subsídio – mas também pelas questões que nos foram caras desde o início: quais palavras usar, como mostrar nossos feminismos múltiplos, como incluir e dar voz para a imensa pluralidade que nos constitui e como deixar claro que nossas escolhas são frutos de reflexões? Resta acreditar que as palavras escolhidas, as que pousaram, vão possibilitar muitos voos – em redor de nós, acima de nós – e que aprendemos o bastante para encarar os desafios dos próximos dois volumes.

Por fim, nosso muito obrigada: à Norma Swenson, pelo apoio à Raquel nos Estados Unidos, para quem “sem ela, seria mais difícil”. Às nossas alunas e alunos – pelo comprometimento, pelo ativismo e, acima de tudo, por saberem o poder que tem a tradução.

Érica Lima
Janine Pimentel
Raquel Pereira

personal undertone. It is also important to mention that each chapter was the responsibility of a specific group whose names are given in a footnote – a resource we also used for supporting references.

Despite the differences among the groups – which may show in the style of the chapters, reflecting the collective writing aspect, also present in the original book – the work was always cooperative, and we had a very clear goal, i.e. to make knowledge available to women in general, in a consistent, ethical and reliable fashion.

The publication of this volume verifies, once more, that history is written by those who show courage, who make things happen, who dare to go against the current, and come up with new ways – or, in our case, a new translation, with an accessible, more inclusive language to make it clear that the masculine is not the standard, or neutral, and that sexism must be defied in all scopes, including linguistics. As many other women from the many countries the book was translated to, we are also trying to change the status quo. Such task is arduous, not only for the logistics involving the number of collaborators, the lack of time and sponsoring, but also by the issues that were dear to us from the beginning: which words to use, how to show our multiple expressions of feminism, how to include and speak out about the immense plurality that builds us up, and how to make it clear that our choices were based on careful thought and studying?

We are left to believe that the words chosen, the ones that landed, will enable many flights – around us, over us –, and that we learned enough to face the challenges of the next two volumes.

At last, we are very grateful to: Norma Swenson, for supporting Raquel in the United States, to whom "without her, it would've been much harder"; our students – for their commitment, activism, and, especially, for acknowledging the power of translation.

Érica Lima
Janine Pimentel
Raquel Pereira

Prefácio da equipe de tradução

A tradução do primeiro volume do livro *Nossos corpos por nós mesmas* foi realizada por muitas mãos. Mãos de diferentes cores, com diferentes traços, que já pegaram muitas canetas e encostaram em teclas de computadores diversas. A trajetória de cada tradutora que contribuiu para essa tradução é diferente: algumas estão na Universidade Estadual de Campinas, enquanto outras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar das centenas de quilômetros que nos separam, partilhamos a vontade de fazer com que este livro chegue a outras mãos que não apenas as nossas; que caia sob os olhos de outras pessoas que não somente os nossos. Para isso, a tradução executa papel crucial. Se aceitamos fazer parte deste grande projeto, é porque acreditamos em sua potência de ser uma importante ferramenta de divulgação de informação e, principalmente, de empoderamento e resistência para as leitoras brasileiras.

O desafio tradutório se colocou logo de início ao nos depararmos com mais de 900 páginas a serem traduzidas e com um grupo de tradutoras voluntárias composto por mais 20 pessoas (incluindo alguns homens), o que evidentemente só se tornou possível graças a inúmeras reuniões e discussões. No começo do projeto, nossas reuniões eram presenciais, sendo um grupo presencial em Campinas e um grupo no Rio de Janeiro. Com o início da pandemia de COVID-19 em meados de março de 2020, no entanto, transferimos nossas reuniões para o ambiente virtual, o que teve como resultado positivo o encontro e a aproximação, mesmo que online, das pessoas que compõem os dois grupos, bem como o contato, em um momento posterior, com as integrantes do Coletivo Feminista, enriquecendo, cada vez mais, as discussões dos problemas que encontramos na tradução.

Como mencionado, o processo de tradução tem sido um grande trabalho em conjunto, envolvendo profissionais de várias áreas, com diversas formações e pessoas vindas de várias partes do Brasil e do exterior, o que tem feito as discussões serem contínuas e as negociações enriquecedoras, visando, dessa forma, um texto final claro, com informações corretas, de fácil acesso e leitura.

Nesse sentido, foi preciso pesquisarmos e nos informarmos a respeito de questões relacionadas ao corpo da mulher, tais como sexo seguro, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e métodos contraceptivos, que, apesar de afetarem o corpo da mulher cotidianamente, são temáticas

Foreword by the translation team²

The translations of the first volume of *Nossos corpos por nós mesmas* was carried out by many hands. Hands of different colors, with different features, which have picked up many pens and have typed on many different computer keyboards. The journey of each translator who contributed to this translation is different: some are from the University of Campinas, others are from Federal University of Rio de Janeiro. Despite the hundreds of kilometers separating us, we share the desire that hands other than ours can reach this book; that eyes other than ours can read it. To achieve this, translation plays a crucial role. We decided to join this major project because we believe in its power as an important tool for information dissemination and, mostly, for empowerment and resistance of Brazilian readers.

The first challenge we faced was the number of pages to be translated by a group of more than 20 volunteer translators (including a few men), which only was possible thanks to numerous meetings and discussions. At the beginning of the project (in August 2019), our meetings were carried out face-to-face; one group meeting in person in Campinas and the other in Rio de Janeiro. As the COVID-19 pandemic started in mid-March 2020, however, our meetings became virtual. This brought about the positive result of allowing for people in the two groups to interact and get to know each other better, even if just via online meetings. At a later stage, the translation team also had the opportunity to meet and interact with members of the Feminist Collective, which proved to be an increasingly enriching experience as we had the opportunity to discuss the issues faced in the translation process.

As mentioned above, the translation process has been a colossal teamwork project. It involves professionals from several areas and with different academic backgrounds as well as people from different parts of Brazil and the world. This diversity has granted a wide variety of perspectives for our discussions and negotiations, aiming for a final text that is clear, accurate, accessible and easy to read.

We needed to research and inform ourselves about issues related to the female body, such as safe sex, Sexually Transmitted Infections (STIs), contraceptive methods and so on. Despite affecting women's bodies on a daily basis, these topics are rarely discussed in the social sphere, whether among relatives or among friends, and even less so in school. Openly discussing these issues is considered a great taboo and this knowledge is taken for granted as if women had always known it or rather as if it

pouco discutidas na esfera social, seja entre familiares ou no círculo de amizades, e muito menos na escola, tendo em vista haver um grande “tabu” envolvendo tais questões, como se tal conhecimento fosse desde sempre conhecido pelas mulheres, ou melhor, fosse obrigatório ser conhecido por elas simplesmente por serem mulheres. Ou talvez seja o machismo subjacente que faz com que os homens em posição de poder não vejam necessidade de se discutir temáticas que não digam respeito a seus corpos masculinos. Em contrapartida, todo o processo nos permitiu conhecer melhor nossos próprios corpos e nos empoderarmos em relação às nossas escolhas, sem dependermos tanto de pessoas profissionais da área da saúde, que nem sempre nos apresentam todas as opções quando se trata de nossas saúdes (mais uma vez, muitos profissionais da saúde são homens, o que não permite a eles enxergarem certos aspectos da saúde feminina).

Além disso, a tradução envolveu a reflexão acerca da linguagem inclusiva, tanto no que diz respeito ao uso do masculino neutro na língua portuguesa quanto à necessidade de inclusão também de pessoas transgênero na linguagem utilizada por nós. Entretanto, cabe ressaltar que o uso de uma linguagem mais inclusiva não foi natural e imediato, mas sim um processo de conscientização acerca da necessidade de se evitar escolhas linguísticas que não contemplassem a diversidade de gêneros e que mantivessem a tendência inconsciente do masculino neutro, tanto que, mesmo na revisão final, várias alterações foram feitas nesse sentido, apesar de termos feito a tradução sempre com isso em mente desde o princípio. Assim, percebe-se que se trata de um exercício constante de reflexão sobre a linguagem. Mesmo conscientes de como a língua reflete o machismo, desprender-se da linguagem machista e usar uma linguagem inclusiva ainda se mostra um desafio.

Desse modo, torna-se perceptível o papel da tradução na reflexão acerca da língua e da linguagem, uma vez que foi a partir do texto em inglês, que não costuma marcar o gênero ao utilizar o neutro, que se pensou em alternativas para evitar essa marcação em português.

Com relação ao envolvimento da equipe, é preciso salientar que, em muitas vezes, nos emocionamos e tivemos que deixar a tradução/adaptação para outro momento, pois, como mulheres, nos colocamos na pele daquelas cujos relatos estão inseridos no decorrer destas páginas e, muitas das histórias foram extremamente comoventes e tocantes. São situações como essas

was mandatory for women to know it simply because they are women. Or maybe this is due to the underlying sexism that allows men in a position of power to oversee the need to discuss topics that are not related to their male bodies. Therefore, the whole translation process allowed us to learn about our own bodies and empower ourselves regarding our choices, without relying so heavily on health care professionals, who not always present all the available options when our health care is concerned (again, this may be due to the fact that many health care professionals are men, who are oblivious to certain aspects of female health).

Moreover, the translation involved reflecting on inclusive language, both regarding the use of neutral male-gendered words in Portuguese as well as the need to include transgender and nonbinary individuals. However, it should be emphasized that the choosing a more inclusive language was not natural and immediate, but rather a process of continuous awareness about the need to avoid linguistic choices that did not reflect the gender diversity and/or perpetuated the unconscious bias towards the use of neutral male-gendered words. Despite this constant effort during the translation, adaptation and review processes, even during the final proofreading stages we were still finding minor occurrences of the kind of language we wanted to avoid. As painfully aware as we were of how language reflects society's sexism, breaking free from the sexist language structures and using more inclusive language solutions was very challenging. Clearly, the commitment with a neutral language requires constant reflection and great care.

This experience also showed the role played by translation in the process of reflecting about our mother tongue and about language in general. Because the text in English does not have gendered words to express neutral or collective words, we needed to avoid them in our text in Portuguese.

Regarding the team's involvement, it is necessary to point out that we were often moved by what we were reading/translating and had to leave the translation/adaptation to another moment, because, as women, we put ourselves in the shoes of those whose stories are included in these pages, and many of the stories were extremely touching. And here lies another example for the impossibility of a “neutral” translation: we could not translate certain topics relating to our bodies and our lives without getting involved with the subject.

What drove us in this project was the belief that *Nossos corpos por nós mesmas* has a significant

que fazem mais explícita a impossibilidade de uma tradução “neutra”. Os assuntos tratados dizem respeito a nossos corpos, a nossas vidas e, assim, não podemos traduzir sem que haja certo envolvimento com os textos.

A convicção de que *Nossos corpos por nós mesmas* tem um poder significativo para a conscientização das mulheres sobre o domínio que elas têm sobre si é o que nos move neste projeto. Assim como nós, tradutoras, tivemos a oportunidade de aprender, de nos emocionar, de refletir sobre nossa própria maneira de agir diante de várias circunstâncias, também as leitoras poderão traçar seu próprio caminho na leitura dessa obra e, com certeza, serão pessoas diferentes após esse percurso.

Por isso, nós, como grupo de tradutoras, conversamos várias vezes sobre a importância do nosso trabalho. Cada reunião feita para discutir o trabalho de tradução do livro também trazia uma reflexão sobre a mulher na sociedade; sobre como essa sociedade trata as mulheres e sobre o papel de quem traduz enquanto agente político, que pode contribuir para transformar uma sociedade. Toda tradução estabelece uma relação de poder, cada escolha tradutória expõe essa relação, e a pessoa que traduz é peça fundamental na manutenção ou não dessa relação. Pensar a tradução é dever de quem traduz, pensar sobre suas escolhas, sobre seu projeto de tradução e pensar, principalmente, em como essas escolhas afetam as culturas que está colocando em contato.

Vale lembrar que alguns homens tradutores também participaram do processo, e isso certamente permitiu-lhes uma maior conscientização de seus papéis como agentes também responsáveis por levar conhecimento e proporcionar melhores condições de conhecimento e saúde para as mulheres.

Quando escolhemos falar em primeira pessoa com as leitoras e leitores brasileiros, optamos pela aproximação do texto com seu público, optamos pela cumplicidade com quem lê. Em alguns trechos, nos colocamos no próprio texto, usando a primeira pessoa do plural, nós, buscando personalizar esse contato com quem está lendo. Outra escolha especial foi a de usar o feminino como sujeito, principalmente porque esse livro quer falar diretamente com as mulheres, quer informá-las, tirar suas dúvidas sobre sua própria condição feminina. O feminino precisa de voz em nossa sociedade.

Cada uma dessas escolhas tradutórias é consciente, baseada em reflexões e que indica a posição que temos em relação ao assunto discutido no livro: a vida e o corpo das mulheres, a vida feminina. A tradução não é trocar uma palavra de uma língua por outra de outra língua. Tradução

power to raise women’s awareness of the dominance they have over themselves. Just as we, translators, have had the opportunity to learn, to be moved, to reflect on our own way of acting in various circumstances, so readers will be able to chart their own path in reading this work, and they will certainly be different people after this journey.

Therefore, we, as a group of translators, have talked several times about the importance of our work. Each meeting held to discuss the work of translating the book also brought a reflection on women in society; on how this society treats women and on the role of the translator as a political agent who can contribute to transforming a society. Every translation establishes a power relation, each translation choice exposes this relation, and the translator is a fundamental piece in the maintenance or not of this relation. Thinking about translation is the translators’ duty, thinking about their choices, about their translation project, and thinking mainly about how these choices affect the cultures that are being brought together.

It is worth remembering that some male translators also participated in the process, and this certainly allowed them to become more aware of their roles as agents also responsible for bringing knowledge and providing better conditions of knowledge and health to women.

When we chose to use the first person to address Brazilian readers, we chose to reach out and bring the text to its audience, we chose the complicity with the readers. In some passages, we put ourselves in the text itself, by using the first person plural, thereby personalizing this contact with readers. Another special choice was to use the feminine as the subject, mainly because this book wants to talk directly to women, to inform them, to clarify their doubts about their own feminine condition. The feminine needs a voice in our society.

Each one of these translation choices is conscious and based on reflections that indicate our stand regarding the issue discussed in the book: women’s life and body, the feminine life. Translation is not exchanging a word from one language by a word in another language. Translation is also about taking stand, especially in a voluntary work of production and dissemination of knowledge that can improve the lives of people and society.

The story we tell in the Brazilian translation of *Our Bodies, Ourselves – Nossos corpos por nós mesmas* – is intrinsically linked to the reality of women in Brazil and their education, information and identity. In order for the book to be relevant to women and to give voice to all of them, we must show the real cultural identity of each country,

também é se posicionar, principalmente em um trabalho voluntário de produção e de divulgação de um conhecimento que pode transformar a vida das pessoas e da sociedade para melhor.

A história que contamos na tradução brasileira de *Our Bodies, Ourselves - Nossos corpos por nós mesmas* - está intrinsecamente ligada à realidade das mulheres no Brasil e à sua educação, informação e identidade.

Para que o livro seja relevante para as mulheres e para dar voz a todas elas, devemos mostrar a identidade cultural real de cada país, incluindo características que façam parte da realidade feminina dos mais diferentes lugares, mostrando políticas públicas e dando informações que enriqueçam a vida das mulheres e que deem ferramentas para que elas possam se proteger e refletir sobre sua realidade. Quando traduzimos, devemos pensar na identidade cultural das mulheres com quem estamos falando, como chegar até essas mulheres, quais são as informações necessárias para que elas tenham uma vida mais segura, consciente e empoderada.

Queremos que este livro possa ser um meio de se criar empatia com as leitoras e com os leitores e que possamos compartilhar nossas experiências de vida. Esperamos que ele possa também ser uma ferramenta para profissionais de saúde, que poderão usá-lo como um guia para melhor esclarecerem as dúvidas de suas pacientes. E que o livro se torne parte de uma política de maior conscientização sobre o corpo e a condição da mulher, tanto entre as classes mais favorecidas como entre as pessoas mais pobres. Que nosso trabalho de tradução ajude na construção de uma sociedade brasileira mais igualitária.

Somos gratas por participar desse projeto e seguirmos nessa jornada.

Adriano Clayton da Silva
Débora Andreza Zacharias
Gislaine Cristina Assumpção
Juliana Aparecida Gimenes
Louise Hélène Pavan
Marcella Wiffler Stefanini

including characteristics that are part of the female reality in the most different places, showing public policies and giving information that enriches women's lives and gives them tools to protect themselves and reflect on their own realities. When translating, we must think about the cultural identity of the women we are talking to, how to reach these women, what information is necessary for them to have a safer, more conscious and empowered life.

We want this book to be a way of creating empathy towards the readers and that we can share our life experiences. We hope it can also be a tool for health professionals, who can use it as a guide to better clarify their patients' doubts. Moreover, we want the book to become part of a policy of greater awareness about women's bodies and condition, both among the most privileged classes and among the poorest people. May our translation work help to build a more equal Brazilian society.

We are grateful for participating in this project and for continuing this journey.

Adriano Clayton da Silva
Débora Andreza Zacharias
Gislaine Cristina Assumpção
Juliana Aparecida Gimenes
Louise Hélène Pavan
Marcella Wiffler Stefanini

Prefácio da equipe do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde

Nosso desejo de realizar a atualização técnico-científica do livro *Our Bodies Ourselves*, bem como adaptar suas discussões para o contexto cultural brasileiro nasce de uma profunda admiração e identificação com o trabalho que o Coletivo de Boston realiza desde 1969 nos Estados Unidos, influenciando a vida das mulheres em muitos outros países. Quando o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (CFSS) foi fundado no Brasil, em 1981, o Coletivo de Boston já era uma referência importante no pensar sobre saúde e autocuidado das mulheres. Fundadoras do CFSS fizeram intercâmbios em organizações que pautavam perspectivas feministas na atenção à saúde, visitando lugares de grande inspiração para o modelo de atendimento feminista, destacando-se o Coletivo de Boston e o *Dispensaire des Femmes*, localizado na Suíça. Além desse contato direto, o Coletivo de Boston sempre esteve presente no cotidiano do CFSS através de exemplares em inglês, espanhol e francês do *Our Bodies Ourselves* disponíveis em nossa biblioteca como fonte de estudo e inspiração. Após anos sonhando com uma tradução para a realidade brasileira, sentimos-nos honradas em participar desta adaptação.

A nova geração de integrantes do CFSS voltou a arejar o ambulatório de saúde das mulheres a partir de 2013 com a retomada de consultas individuais e coletivas, oficinas de autoconhecimento e elaboração de materiais de educação em saúde. Essas atividades foram pensadas através do resgate de documentos históricos da década de 1980 e incorporaram a Saúde Baseada em Evidências para apoiar as pessoas que buscam cuidados em saúde a tomar decisões informadas. No Brasil, o corpo das mulheres costuma ser submetido a rotinas ginecológicas distorcidas, julgamentos morais baseados em preconceitos de gênero e prescrições de medicamentos para a correção de supostas falhas em seu funcionamento natural. Isso torna as suas experiências de vida extremamente medicalizadas e as aliena da possibilidade de decidir por si mesmas a respeito das intervenções a que irão se submeter. A construção do trabalho do CFSS objetivou, portanto, apoiar a autonomia das mulheres no cuidado de si, e recentemente passou a estender essa proposta a todas as pessoas sem distinção de gênero, sexo biológico ou idade.

A tradução e adaptação deste livro é um grande passo em direção à popularização de conhecimentos tradicionalmente restritos a profissionais de saúde. É um desafio fazer a

Foreword by Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde³

Our wish to carry out the technical-scientific update of the book *Our Bodies Ourselves*, as well as to adapt its discussions to the Brazilian cultural context arises from a deep admiration and identification with the work that the Boston Collective has been doing since 1969 in the United States, influencing life women in many other countries. When the Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (CFSS) was founded in Brazil in 1981, the Boston Collective was already an important reference in thinking about women's health and self-care. CFSS founders participated in exchange programs in organizations that guided feminist perspectives in health care, visiting places of great inspiration for the feminist care model, especially the Boston Collective and the *Dispensaire des Femmes*, located in Switzerland. In addition to this direct contact, the Boston Collective has always been present in the CFSS daily life through English, Spanish and French versions of *Our Bodies Ourselves* available in our library as a source of study and inspiration. After years of dreaming of a translation to the Brazilian reality, we feel honored to participate in this adaptation.

The new generation of CFSS members came to invigorate the women's health clinic from 2013 with the resumption of individual and collective consultations, self-knowledge workshops and the health education materials elaboration. These activities were thought through the retrieval of historical documents from the 1980s and incorporated Evidence-Based Health to support people seeking health care to make informed decisions. In Brazil, women's bodies are often subjected to distorted gynecological routines, moral judgments based on gender prejudice and prescriptions for medications to correct supposed flaws in their natural functioning. This makes their life experiences extremely medicalized and alienates them from the possibility of deciding for themselves about the interventions they will undergo. The construction of the CFSS's work aimed, therefore, to support the autonomy of women in self-care, and recently started to extend this proposal to all people without distinction of gender, biological sex or age.

The translation and adaptation of this book is a big step towards the popularization of knowledge traditionally restricted to health professionals. It is a challenge to make the cultural adaptation of a book to a context as diverse as that of Brazilian women, which is why we emphasize the importance of testimonials throughout the chapters. The

adaptação cultural de um livro para um contexto tão diverso quanto o das mulheres brasileiras, por isso destacamos a importância dos depoimentos ao longo dos capítulos. As experiências no contexto do aborto e do enfrentamento à violência contra as mulheres na realidade brasileira são muito diferentes da versão americana, seja pela legislação, pela existência do Sistema Único de Saúde (SUS) e pelas particularidades do movimento social e ativismo.

Diversas são as especificidades deste livro. Nossa cultura, nossa relação com nossos corpos e até a forma como o machismo atravessa nossas vidas afetam nossa experiência de adoecimento enquanto mulheres. Além disso, no Brasil, as mulheres se organizaram para conquistar e ainda se organizam para proteger seu direito à saúde, da mesma forma, temos enfrentado inúmeras tentativas de retrocessos no campo da justiça reprodutiva. No entanto, descobrimos haver muitas semelhanças entre vivências geograficamente distantes, sendo marcantes as similaridades atreladas à vivência de gênero. A oportunidade de ler um livro e se identificar com mulheres de uma outra realidade cultural é imensa e nos aproxima.

Um dos elementos que tivemos que considerar e citar diversas vezes ao longo dos capítulos é o fato de termos no Brasil um sistema de saúde de cobertura universal, o SUS, nossa referência de assistência à saúde pública. Ao longo do livro, mencionamos a importância do SUS e orientamos as pessoas a conhecer e utilizar os serviços próximos de suas casas, quando ainda não o fazem. Ainda que seja alvo de duras críticas quanto a insuficiência de seus serviços, o SUS segue oferecendo cuidados diversos, desde os preventivos até tratamentos de alto custo indisponíveis por outras vias no país. O processo de desinvestimento que vem sofrendo há anos, cuja agudização recente se concretiza no congelamento do seu orçamento anual, é consequência de decisões políticas atreladas a interesses particulares. Por isso ressaltamos que o SUS prevê ferramentas de controle social e que é nossa responsabilidade prezar por sua manutenção, expansão e aprimoramento, recusando o retrocesso de nossos direitos.

No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, possuímos uma legislação extremamente restritiva em relação ao aborto, assim como uma rede de serviços que não concretiza os cuidados à gestação indesejada já previstos em lei. Como resultado da criminalização e da insuficiência da rede de aborto legal, mais de 500 mil mulheres

experiences in the context of abortion and the confrontation of violence against women in the Brazilian reality are very different from the American version, whether due to legislation, the existence of the Sistema Único de Saúde (SUS)⁴ and the particularities of the social movement and activism.

The specificities of this book are diverse. Our culture, our relationship with our bodies and even the way in which machismo passes through our lives affect our experience of falling ill as women. In addition, in Brazil, women have organized to conquer and are still organizing to protect their right to health, in the same way, we have faced countless attempts at setbacks in the field of reproductive justice. However, we found that there are many similarities between geographically distant experiences, the similarities linked to the gender experience being striking. The opportunity to read a book and identify with women from another cultural reality is immeasurable and brings us closer together.

One of the elements that we had to consider and refer to several times throughout the chapters is the fact that, in Brazil, we have a universal healthcare system, which serves as our reference to public health care. Throughout the book, we mention the importance of SUS and guide people about using available services next to their homes, in case they have not done that yet. Although this system has been the target of harsh criticism regarding the insufficiency of its services, SUS continues to offer a variety of healthcare services, that range from preventive to high-cost treatments otherwise unavailable to many. The disinvestment process that has been underway for years and which rose sharply recently has resulted in a frozen annual budget – a consequence of political decisions tied to particular interests. Therefore, we emphasize that SUS provides tools of social control and that it is our responsibility to ensure its maintenance, expansion and improvement, as well as to refuse the regression of our rights.

In Brazil, unlike the United States, we have extremely restrictive legislation regarding abortion, as well as a network of services that do not implement unwanted pregnancy care already provided for by law. As a result of the criminalization and insufficiency of the legal abortion network, more than 500,000 women clandestinely abort each year in Brazil, many without the chance of harm reduction guidance,

³ Translated by Gislaïne Cristina Assumpção e Laís Ferenzini.

⁴ SUS is the Brazilian unified health public system.

abortam clandestinamente por ano no Brasil, muitas sem a chance de orientação de redução de danos, o que faz com que se submetam a métodos inseguros de abortamento. Por esse motivo, esse capítulo foi completamente reescrito. Buscamos destacar as diferenças entre aborto inseguro e clandestino e a experiência do movimento feminista brasileiro na difusão de informações de qualidade sobre a realização do procedimento.

Em relação ao capítulo que aborda o enfrentamento da violência contra as mulheres, inúmeras são as razões que levaram à reescrita do texto. Em primeiro lugar, como resultado de uma intensa luta do movimento feminista brasileiro, o Brasil possui uma das legislações mais avançadas do mundo no enfrentamento da violência contra as mulheres: a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Em razão disso, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, o enfrentamento das violências contra as mulheres em nosso país é realizado por meio de políticas públicas voltadas à prevenção, acolhimento das mulheres e responsabilização - não necessariamente criminal - dos autores de violência. O acúmulo de experiência do CFSS a partir dos grupos reflexivos com homens autuados nos permitiu a construção de um olhar diverso para a prevenção da violência contra as mulheres. Assim, construímos este capítulo a partir de nossas experiências no acolhimento e atendimento de mulheres e dos aprendizados construídos por meio do trabalho realizado com homens e masculinidades. Ainda que o combate à violência de gênero e o acesso à saúde tenham sido as duas principais bandeiras do movimento feminista lançado na década de 1980, o direito a uma vida livre de violência ainda não é a realidade brasileira. O impacto dessa violação, ainda que silenciosamente para muitas de nós, se impregna quotidianamente em nossas vidas.

Cientes da importância de compartilharmos conhecimentos e vivências genuinamente atreladas às condições de gênero, convidamos a esta leitura com a esperança de que ela consiga traçar uma narrativa feminista da saúde brasileira. Nela incluímos nosso compromisso antigo e muitíssimo vivo em lutar pela transformação da desigualdade através da ampliação da autonomia sobre si: através de nosso primeiro território, nossos corpos, por nós mesmas.

Esperamos que gostem da leitura!

Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde

which leave them vulnerable to unsafe abortion methods. For this reason, the chapter on abortion had to be completely rewritten. We have tried to highlight the differences between unsafe and clandestine abortion and the experience of the Brazilian feminist movement in disseminating quality information about the procedure.

As for the chapter addressing violence against women, there are numerous reasons that led to the rewriting of the text. First, as a result of an intense struggle of the Brazilian feminist movement, Brazil has one of the most advanced laws in the world in confronting violence against women - the Maria da Penha Law (Law No. 11,340/2006). Because of this, unlike in the United States, the confrontation of violence against women in our country is carried out through public policies aimed at the prevention, reception of women and accountability - not necessarily criminal - of perpetrators of violence. The accumulated experience of Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (CFSS), in reflexive groups with charged men, allowed us to construct a diverse look at the prevention of violence against women. Thus, we built this chapter from our experiences in welcoming and receiving women and from the learnings built through the work done with men and masculinities. Although the fight against gender violence and access to healthcare were the two main flags of the feminist movement launched in the 1980s, the right to a life free of violence is not yet the Brazilian reality. The impact of this often-silent violation has pervaded our daily lives.

Because sharing knowledge and experiences genuinely related to gender conditions is so important, we would like to invite you to read the book and hope that it will be able to outline a feminist narrative of Brazilian health. We include our old and very alive commitment to fight for the transformation of inequality through the expansion of autonomy over ourselves: through our first territory, our bodies, for ourselves.

We hope you enjoy reading!

Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde

Prefácio da equipe da Universidade de São Paulo

Escrevemos este prefácio a duas mãos, cada uma contando quanto o OBOS nos inspira em nossa vida e em nosso ativismo. Eu, Simone, começo contando que quando estava no final do curso de Medicina, severamente angustiada com a prática misógina que me era oferecida como a medicina oficial, encontrei na casa de uma amiga uma das primeiras edições do *Our Bodies, Ourselves*. Usando uma gíria daqueles tempos, as fichas caíram, todas de uma vez. Foi uma revelação, de grandes proporções, que junto com a leitura de Caldeyro-Barcia (citado, aliás, no livro), me fez decidir pela Medicina Preventiva ao invés da Ginecologia e Obstetrícia, caminho natural das interessadas em saúde da mulher. Me fizeram entender como a prática médica, além do seu potencial em salvar vidas, poderia ser também violenta e irracional, descolada de evidências empíricas e abertamente abusiva.

Quando vim para São Paulo fazer residência médica, encontrei dois encantos. Um deles, o CIM, Centro de Informação Mulher, que ficava em um sobrado em uma vilinha charmosa no centro de São Paulo. Lá, naquela fabulosa biblioteca só de feminismo, com infinitas estantes de maravilhas, encontrei todas as edições do OBOS até então, e seus derivados *Ourselves Growing older*, *Ourselves and Our Children*, inclusive já algumas traduções. Saibam que o CIM ainda existe, ainda que na resistência. O outro encanto foi o Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde (CFSS), que abriu um ambulatório em 1985, com uma turma de feministas dispostas a subverter o estado de coisas na assistência à saúde da mulher. Tudo isso fazia parte de um movimento político onde emergem o conceito de integralidade e o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, que já buscava responder a uma agenda feminista organizada na saúde, com muitos grupos ativos, expressa na histórica Carta de Itapeperica (1984). Devo às leituras e discussões daquela época muito do que sou hoje, como pessoa, professora e pesquisadora, e tento inspirar o mesmo encanto nas gerações mais jovens.

Os ‘coletivos’, inclusive os feministas, derivam das formas de organização horizontais inspiradas pelo anarquismo e pelos ventos libertários dos anos 1960, e trouxeram consigo uma inovação sem precedentes, o da criação coletiva do conhecimento, antecipando em décadas o que hoje chamamos de *crowdsourcing*. Cansadas de narrativas perversas sobre sua saúde e sexualidade, as mulheres tomaram em suas mãos a tarefas de

Foreword by the team of the University of São Paulo⁵

This foreword has been written by two hands, with each one reporting how OBOS has inspired us in our lives and in our activism. I, Simone, start by telling that when I was close to concluding my medical school studies, severely anguished by the misogynist practice of the official medical sciences offered to me, I came across one of the earliest copies of *Our Bodies, Ourselves* at a friend's house. To use linguo from back then, all of the pennies dropped all at once. It was a revelation of great proportion that, along with reading Caldeyro-Barcia (who is cited in the book), that made me choose Preventive Medicine instead of Gynecology and Obstetrics, the natural path for those interested in women's health. These factors contributed to my understanding that the medical practice, in addition to its potential for saving lives, could also be violent and irrational, detached from empirical evidence and openly abusive.

When I came to São Paulo for my medical residency, I discovered two institutions that appealed to me. One of them was the Women's Information Center, placed at a two-storey house in a charming little village in downtown São Paulo. There, at that fabulous strictly-feminist library, with infinite shelves full of wonders, I found every OBOS editions available at the time, as well as their derivatives *Ourselves Growing Older*, *Ourselves and Our Children*, including a few translations. By the way, the Women's Information Center still exists, even if in resistance. The other fascination of mine was the Feminist Collective Health and Sexuality (CFSS, for its Portuguese acronym), which opened up an ambulatory in 1985, with a team of feminist women willing to subvert the state of things regarding the assistance to women's health. All of this was part of a political movement that brings together the concept of integrity and the Wholesome Care of Women's Health Program, which sought to follow a feminist agenda, with many active groups, expressed in the historic letter of Itapeperica (1984). I owe much of who I am today – as a person, a professor, and a researcher – to what I read and to the discussions I participated in at that time. With that baggage, I try to inspire the same allure amongst the younger generations.

The “collectives”, including the feminist ones, come from different forms of horizontal organizations inspired by the anarchism and by the libertarian winds of the 1960s. They have raised an unparalleled innovation: the shared creation of knowledge, which anticipated by decades what we

traduzir o que se sabia, mapear os vieses e incertezas, e confrontar o saber estabelecido, trazendo a experiência concreta das mulheres com seu corpo, saúde, adoecimento, e seu confronto com o sistema de saúde – analisado também em seus aspectos históricos e de gênero (antes de haver o conceito). O OBOS foi pioneiro em dar voz e divulgar o movimento crítico interno à própria medicina (com grande destaque para a nascente epidemiologia perinatal crítica) que deu à luz ao que chamamos hoje medicina baseada em evidências. As sucessivas edições traziam fotografias e narrativas de mulheres reais, com problemas práticos, invisíveis às práticas de saúde. Trazia também magníficos poemas, alguns dos quais ainda me levam às lágrimas. O OBOS popularizou práticas inovadoras até hoje, como autoexame genital feminino, adotado pelo CFSS como parte da sua rotina de consultas, e mesmo feito coletivamente, em encontros feministas.

Em 1987, conheci Norma Swenson e Judy Norsigian no Encontro Internacional Mulher e Saúde, na Costa Rica (aquele que estabeleceu o 28 de maio como dia internacional de Ação pela Saúde das Mulheres). Em 1990, no Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe na Argentina, além de Norma e Judy, tive o prazer de encontrar Esther Rome. Honras das honras, Norma, minha madre superiora no feminismo, participou de um workshop que fizemos sobre As mulheres e a Mentira, inspirado em Adrienne Rich. No ano seguinte, visitei pela primeira vez o Coletivo de Boston, que viria a visitar novamente indo a Harvard a convite da madre superiora, então professora naquela universidade. Sim, era um feminismo muito internacionalizado, e isso antes da internet, com redes Global e Latino-americana pela saúde e direitos reprodutivos. Essa internacionalização levou a grandes vitórias na formalização dos direitos das mulheres, expressas na conferência das Nações Unidas na década de 1990 (Viena, Cairo e Pequim, por exemplo). É especialmente importante lembrar esse percurso, quanto temos esses direitos constantemente ameaçados.

Muita água passou debaixo das diversas pontes da história, e dando um salto para o momento atual, quero deixar registrado meu imenso orgulho da nova geração de feministas, e do CFSS. Mais de uma vez participei de iniciativas para traduzir o OBOS para o português, que não foram adiante, por isso meu entusiasmo pela edição que virá. Hoje sobrecarregada pelas muitas responsabilidades institucionais, nem consigo dar a devida atenção que merece este projeto maravilhoso, com enorme

now call crowdsourcing. Tired of wicked narratives about their health and sexuality, women took into their own hands the matters of translating what was already known, mapping the ways and uncertainties, and confronting the established knowledge. By doing so, they were able to shed a light on the concrete experiences of women with their bodies, their health, and illnesses, as well as their struggle with the health system – keeping track of the historic and the gender-related aspects (before the concept was created). OBOS was the pioneer in giving space and being vocal about the critical movement within the medicine practice (with special consideration to the rising critical perinatal epidemiology) which paved the way to what today we call medicine based on evidence. The following issues featured pictures and narratives from real women, with practical problems that had so far been invisible to the health practice. They also featured marvelous poems, some of which still bring me to tears. OBOS made innovative practices popular even to this day, as the vaginal self-examination, adopted by the CFSS as a part of the medical appointments routine, and even done collectively in feminist meetings.

In 1987, I met Norma Swenson and Judy Norsigian at the International Women's Health Meeting, in Costa Rica (the one which established May 28 as the International Day of Action for Women's Health). In 1990, at the Latin-American and Caribbean Feminist Meeting in Argentina, besides Norma and Judy, I had the pleasure of meeting Esther Rome. With great honor, Norma, my Mother Superior in feminist matters, joined our seminar about Women and Lies, inspired by Adrienne Rich. In the following year, I visited Boston's collective, which I would come to visit once more by going to Harvard under my Mother Superior's invitation, who was a professor at the university then. Yes, it was a very much internationalized feminism – and that was before the internet, with global and Latin-American networks in favor of health and reproductive rights. This internationalization led to great achievements in the formalization of women's rights, reported in the United Nations conference in the 1990s (Vienna, Cairo, and Beijing, for instance). It is especially important to remember this course of events given we have these rights under constant threat.

Much water has flowed under the many bridges of history, and taking a leap to the current time, I want to register how immensely proud I am of the new generation of feminists and of CFSS. More than once have I been a part of initiatives

⁵ Translated by Beatriz Araújo and Carlos César da Silva.

potência para transformar a realidade de saúde das mulheres, e sua relação com o próprio corpo, em uma perspectiva feminista e amorosa.

Esta publicação é um sonho coletivo, que agora vemos realizado na edição em português. A todas aquelas que participam desta empreitada maravilhosa, minha profunda e grata admiração, e a Bia Fioretti, por me convidar para esta tarefa linda.

A primeira vez que eu, Bia Fioretti, ouvi falar de *Our Bodies, Ourselves* (OBOS) foi através do brilho nos olhos da professora Carmen Simone Grilo Diniz que trazia o debate histórico-social de questões de gênero, o Coletivo do Livro de Saúde das Mulheres de Boston, o CFSS de São Paulo e o papel que eles tiveram na sua trajetória de vida. Naquela época, 2011, era uma aluna ouvinte da disciplina de gênero e saúde materna, na Faculdade de Saúde Pública USP (FSP-USP). Eu havia deixado uma carreira de sucesso como publicitária com o sonho de me dedicar à comunicação em saúde, e desde então sou comprometida com as questões de gênero, ativismo e direito de escolha informada, pilares norteadores que me levaram a fazer mestrado (UNIFESP -2015) e doutorado (FSP-USP, 2019).

Durante uma visita técnica do doutorado em Boston (2018) a professora Simone intermediou um contato com o Coletivo de Boston. Fui recebida na casa de Judy Norsigian, que promoveu uma reunião com algumas mulheres do coletivo, inclusive Norma Swenson. Aquele encontro foi fundamental para o fortalecimento da minha determinação em trabalhar com comunicação em Saúde Pública. Era inimaginável estar diante de algumas das autoras do OBOS, pessoas atuantes nos movimentos sociais, movidas a dar visibilidade à condição feminina, como um sacerdócio! Nossa conversa fugiu da apresentação acadêmica que eu havia preparado, compartilhamos nossas peregrinações como mulheres em busca de acolher, identificar, dar suporte e ampliar a voz de outras mulheres. O que tenho a relatar sobre aquele encontro é que nos comunicávamos muito além das palavras, nos comunicávamos com a força de um feminino universal.

Além dos livros autografados, saí de Boston com o sonho de ter o OBOS traduzido para o português, oportunidade que surgiu no final de 2019 com a iniciativa da equipe de tradutoras e do CFSS, especialmente Raquel Pereira. Os processos de transformação de *Our Bodies, Ourselves* em *Nossos corpos por nós mesmas* foram de muitos aprendizados e desafios. Precisávamos conciliar as especificidades de idiomas e culturas distintas; buscar uma unidade em uma obra essencialmente

aiming at the translation of OBOS to Portuguese, which didn't go further. For that reason, I am thrilled for the coming issue. Today, overloaded by many institutional responsibilities, I am aware that I can't give the necessary and deserving attention to this amazing project, which has great potential to transform the reality of women's health and their relation to their body, in a feminist and loving perspective.

This publication is a shared dream that now comes true in this Brazilian Portuguese edition. To all of those who took part in this wonderful endeavor, I offer my deepest and grateful admiration, as well as to Bia Fioretti, who invited me into this beautiful task.

The first time that I, Bia Fioretti, heard of *Our bodies, Ourselves* (OBOS) was through the sparkle in the eyes of professor Carmen Simone Grilo Diniz. The book brought with it the historical and social debate on gender issues, the Boston Women's Health Book Collective, the São Paulo's CFSS and the role they all played in her life. The year was 2011, and, at that time, I was lecturing gender and maternal health classes at the Faculty of Public Health, at the University of São Paulo (FSP-USP). I had left a successful career as a publicist to follow one dream: health communication. Since then, I have been committed to gender issues, activism, and the right to an informed choice, which were the main reasons that led me to my master's degree (UNIFESP, 2015) and doctoral degree (FSP-USP, 2019).

In 2018, during a doctorate's technical visit in Boston, professor Simone facilitated a contact with the Boston Collective. I attended Judy Norsigian's house, where a meeting with a few women — including Norma Swenson — of the collective happened. That moment was essential to strengthen my willingness to work with health communication. It was unimaginable to be in front of some of the OBOS' writers, people who are actively involved in social movements and have this calling to bring visibility to women's rights. Our conversation was more than just the simple academic presentation I had prepared. We talked about our experiences as women who seek to shelter, identify, support other women, and make sure their voices will be heard. What I have to say about that meeting is that we connected beyond words, we communicated with the power of a universal feminine.

Besides autographed books, I left Boston with the dream to translate OBOS into Portuguese, and the opportunity arose in the end of 2019, with

coletiva; fazer as atualizações técnicas e científicas (como a fisiologia do clitóris, uma descoberta mais recente que não aparece nas outras publicações) e trazer o contexto brasileiro, um processo que exigiu pesquisas e reflexões tanto positivas, quanto negativas. Um exemplo positivo do Brasil comparado aos Estados Unidos é ter um órgão regulador atuante como a ANVISA (que faz parte do SUS) na normatização de produtos de estética e intervenções (como, entre outras, o bronzamento artificial). Como ponto negativo disputamos recordes mundiais das intervenções cirúrgicas e estéticas.

Após muitos meses de trabalho e prestes a entregarmos a revisão científica, nos demos conta que os depoimentos eram todos de pessoas americanas, e, embora fizessem sentido no contexto do livro, não eram a voz de pessoas brasileiras. Iniciamos uma curadoria em busca da identidade do livro, um trabalho desafiador e gratificante, que nos fez sair da nossa zona de conforto e possibilitou trazer novas narrativas ao livro.

Compartilhamos a generosidade e a intimidade de pessoas que trouxeram muitas reflexões como Amiel, que abre nossos olhos sobre uma sociedade dual que só considera o masculino ou feminino e que trata a natureza do intersexo como anomalia e não como característica de pessoas diferentes. Temos também Lulu, que nos emociona com a sua garra em vivenciar sua sexualidade e a busca da maternidade em um parto humanizado, mesmo depois de ter perdido as duas pernas. Trazemos também o questionamento sobre a nossa identidade e nossa aparência, com depoimentos da professora Aza, que traz a presença da mulher negra na academia e depoimentos sobre a importância do visagismo como uma forma da libertação e de (in)visibilidade lésbica. Citamos ainda a voz de Thais (que alguns meses depois foi eleita vereadora no Rio de Janeiro), Dandara e Onika, que trazem questões sobre o colorismo de mulher negra, travesti, periférica e articuladora social. Trouxemos ainda a história da Jacqueline, que só depois de ter feito uma intervenção na vulva se deu conta que os seus padrões de referência vinham da pornografia e não da realidade – um reflexo do fato de o Brasil ser o recordista mundial de ninfoplastia. Assim, falamos de imagem corporal, autoestima, intervenções estéticas, autoaceitação e lutas contra os padrões ao tratarmos de gordofobia, ageísmo, modelos sugeridos pela mídia, intervenções cirúrgicas na infância, adolescência, fase adulta e maturidade.

Este livro vai além de oferecer informação sem conflitos de interesse: ele procura dar voz a uma série de dores que não são percebidas pela sociedade.

the initiative of the translators team, of the CFSS, and especially of Raquel Pereira. The transformation processes of *Our bodies, ourselves* into *Nossos corpos, por nós mesmas* brought lots of learning and challenges. We needed to reconcile the specificities and differences of both languages and cultures, seek a single unity in such an essentially collective work, make technical and scientific updates — such as the clitoris' physiology, a more recent discovery that does not appear in other publications — and bring the Brazilian context to the translation, which was a process that resulted in positive and negative research findings. One advantage that Brazil has when compared to the United States is that the regulatory organization ANVISA (roughly, National Health Surveillance Agency and part of the Unified Health System) acts on the standardization of cosmetic products and interventions, such as indoor tanning, etc. On the other hand, it is a disadvantage that Brazil ranks extremely high in surgical and cosmetic interventions.

After several months of work, we were about to finish our scientific review when we realized that all testimonials we had were from North American people. Although it made sense in the context of the book, they were not Brazilian voices. So, we started curating the book's identity, which was a challenging and gratifying work that made us leave our comfort zone and bring new narratives to the book. We shared the generosity and the intimacy of people that brought many reflections. People like Amiel, who opens our eyes about a dual society that only knows masculine and feminine and that treats intersex nature as an anomaly, and not as a characteristic. We also have Lulu, who moves us with the determination to live her sexuality and the pursuit of motherhood in a humanized childbirth, even after losing both of her legs. Besides that, we also raised a question about identity and appearance through professor Aza's declarations, which consisted in the presence of black women in academia and in the importance of visagism as a form of liberation and lesbian (in)visibility. The voices of Dandara, Onika and Thais, who was elected city councilor in Rio de Janeiro a few months later, were heard and added topics like colorism of black, peripheral, social articulator and transvestite women to the discussion. We also brought the story of Jacqueline, who, only after having undergone through a vulva surgery, realized that her reference standards came from pornography, and not from reality — a reflection of the fact that Brazil is the world record holder for nymphoplasty. This allowed us to talk about a wide range of issues: body image, self-esteem, aesthetic interventions, self-acceptance

Através dessas histórias exclusivas, criamos novos vínculos, parcerias e amizades. Agora, queremos dar as boas-vindas a *Nossos corpos por nós mesmas*, a versão brasileira de OBOS, e dizer que à medida que você tomar decisões informadas sobre seu corpo e sensibilizar as pessoas ao seu redor, você estará também fazendo parte dessa rede coletiva que vem sendo construída há 50 anos.

Carmen Simone Grilo Diniz
Bia Fioretti-Foschi

and struggles against standards when dealing with fatphobia, ageism, models suggested by the media, surgical interventions in childhood, adolescence, adulthood and maturity.

This book goes beyond offering information without conflicts of interest: it seeks to give voice to a series of pains that are not perceived by society. Through these exclusive stories, we created new bonds, partnerships, and friendships. Now, we want to welcome *Nossos corpos por nós mesmas*, the Brazilian version of OBOS, and say that, as you make informed decisions about your body and raise awareness on people around you, you will also be part of this collective network that has been built for 50 years.

Carmen Simone Grilo Diniz
Bia Fioretti-Foschi